



FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

AGORA E NA HORA DA NOSSA MORTE

AGORA E NA HORA
DA NOSSA MORTE

SUSANA MOREIRA MARQUES
FOTOGRAFIA ANDRÉ CEPEDA



FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

L I S B O A :
TINTA-DA-CHINA
M M X I I

© 2012, Susana Moreira Marques,
Fundação Calouste Gulbenkian
e Edições tinta-da-china, Lda.
Rua João de Freitas Branco, 35A,
1500-627 Lisboa
Têls: 21 726 90 28/9 | Fax: 21 726 90 30
E-mail: info@tintadachina.pt
www.tintadachina.pt
© da fotografia: André Cepeda

Título: *Agora e na Hora da Nossa Morte*
Autora: Susana Moreira Marques
Fotografia: André Cepeda
Revisão: Tinta-da-china
Capa e composição: Tinta-da-china

1.ª edição: Outubro de 2012
ISBN 978-989-671-134-4
Depósito Legal n.º 349046/12

Susana Moreira Marques escreve de
acordo com a antiga ortografia.

ÍNDICE

II

Notas de viagem
sobre a morte

45

Retratos

Paula

João e Maria

Elisa e Sara

113

Quando regressares
da viagem que ninguém
saudável quer fazer, vais

115

Fotografias

Desde 2009, o Serviço de Saúde e Desenvolvimento Humano da Fundação Calouste Gulbenkian apoia um projecto-piloto de cuidados paliativos domiciliários, no Planalto Mirandês, em Trás-os-Montes.

De aldeia em aldeia, uma médica, enfermeiros e outros profissionais de saúde ajudam dezenas de doentes, de várias idades, condições sociais e circunstâncias familiares, a passar o final de vida com o maior conforto possível, e a morrer, acompanhados, em casa.

Este livro é o resultado de várias visitas, entre Junho e Outubro de 2011, a esse projecto e a essas pessoas.

NOTAS DE VIAGEM SOBRE A MORTE

Does the road wind uphill all the way?

Yes, to the very end.

Christina Rossetti, «Uphill»

[...] *E a Morte é uma águia*

cujo grito ninguém descreve.

Cecília Meireles, «Canção Póstuma»

Há coisas sobre as quais não se pode escrever como sempre se escreveu. Algo muda. Primeiro os olhos, depois o coração — ou os nervos ou aquilo a que os antigos chamavam alma — e finalmente, as mãos.

—

As primeiras notas que tiro são sobre um homem que nasceu, cresceu, trabalhou, casou, teve uma filha, envelheceu e morreu na mesma aldeia. Na verdade, as notas não são sobre o homem ou sobre a sua vida mas sobre a sua morte. Assim:

A vida da casa e da família acontece toda nesta sala térrea, fresca e escura de uma maneira agradável, com uma grande mesa, um escanho — o típico banco corrido de madeira de Trás-os-Montes —, um fogão e uma porta para o armazém onde se guardam os produtos da terra.

Era Abril, a lareira não estava acesa, mas era junto da lareira que o homem costumava contar histórias, e contou nessa noite, subitamente animado. Despediu-se

da família — a filha e a neta tinham vindo da cidade —, disse-lhes boa-noite. À mulher com quem esteve casado sessenta anos disse que não se esquecesse de tomar os medicamentos.

A aldeia onde o homem nasceu, cresceu, trabalhou, casou, teve uma filha, envelheceu e morreu é bonita, com as suas casas de pedra recuperadas e um belo cruzeiro tallado. É bem arranjada, limpa. Está quieta, muito vazia. Parece um museu.

A viúva, com o seu lenço preto e o rosto fechado, move-se devagar, curvada pela artrose. Anda pelas ruas como uma sombra. Ela sabe que vive no fim de uma época, de um modo de vida. Quando nos formos todos, diz, querendo dizer os velhos, as sombras, lentamente as casas, desertas, caem, e não haverá mais aldeia.

—

«Temos uma grande história. Temos o melhor clima do mundo. Temos as melhores pessoas do mundo», diz um ouvinte na rádio. «Vamos levantar o país.»

A estrada continua, cansada. Vêm-se os caminhos velhos, ao longe a fronteira. Cada vez mais a sensação de ilha. Foi mais fácil chegar do que será partir.

—

Casa de A. ou lugar onde dorme: cama por fazer, mesinha de cabeceira com objectos empilhados, rádio, roupa

suja; um lençol pendurado numa corda separa o quarto de uma sanita e do resto do espaço aberto sem revestimento quer no tecto quer no chão.

A. ou homem de passagem pela vida: boné americano, kispo, faces rosadas do álcool, olhos parados, as mãos enrolando um cigarro, um penso cobrindo a parte inferior do rosto destruída por um cancro.

—

Manual de sobrevivência:

1 — Parar. Escutar o bater do coração. Olhar os cerejais selvagens carregados de fruto.

—

As andorinhas já fizeram o ninho sobre a porta traseira; é assim que todos os anos H. se dá conta da Primavera chegando. São pássaros úteis e, para mais, bonitos, pelos quais sempre teve uma predilecção. Mas agora põe-se a olhar para as andorinhas de um modo que nunca olhou, porque talvez não assista a mais uma Primavera.

—

Mas não é a ideia de desconhecido que assusta: é a ideia de que não haja desconhecido; apenas o fim.

—

Na praça central da aldeia — onde está um pequeno espaço ajardinado — ficava o antigo cemitério. Tornou-se pequeno para tantas mortes e fez-se um cemitério novo. Os mortos ficaram onde tinham sido enterrados e no novo jardim, também uma espécie de vala comum, pôs-se uma pequena placa de pedra:

*Ó vós que aqui entráis
Lembraí-vos de vossos
Antepassados, pais
Avós e amigos que
Aqui foram sepultados*

—

Depois de muitos, muitos quilómetros, as aldeias são uma só.

—

Levanta-se de manhã, toma o leite mais o marido, senta-se a fazer renda, depois faz o almoço, come mais o marido; à tarde, quando pode, desce o vale no tractor que o marido conduz, faz pela horta, se não pode, pega de novo na renda; janta mais o marido, fala ao telefone com os filhos, vê um pouco de televisão, a renda no colo.

A mesa da sala está decorada com um naperon branco, por cima um castiçal e uma estatueta com três golfinhos azuis. Os sofás também têm rendas sobre as costas.

Tudo está limpo e arranjado. Ela sorri o tempo todo. Há quem diga que o sorriso é nela defeito. Até quando o

barulho do saco das fezes se ouve ruidoso na sala impecável, ela sorri.

—

PALIATIVO: 1. Que serve para paliar. 2. Remédio que não cura mas mitiga a doença. 3. Recurso para atenuar um mal ou adiar uma crise; adiamento. 4. Disfarce.

—

Está acamado há tantos anos que a morte deixou de ser novidade. Tem a pele de um branco finíssimo e da cama pede sempre que deixem a janela aberta. Na Primavera, chegam ecos da alegria. No Inverno, entra neve. Rodeou-se de santos para que o consolem da doença como antigamente o consolavam da pobreza. Lê-se por cima da porta por onde não sairá pelo seu pé:

*Meu Deus
Dai-me a serenidade
para aceitar as coisas
que não posso mudar,*

*A coragem para mudar
aquilo que sou capaz,
E a sabedoria para ver
a diferença.*

—

E finalmente, as mãos escrevendo contra as imagens acumuladas.

—

Ervas do tamanho de crianças à beira da estrada dançando. No horizonte os montes unindo-se como amantes. Tudo isto em roxo forte segundos depois de o sol desaparecer.

RETRATOS

*Though wise men at their end know dark is right,
Because their words had forked no lightning they
Do not go gentle into that good night.*
Dylan Thomas, «Do not go gentle into that good night»

*Our almost-instinct almost true:
What will survive of us is love.*
Philip Larkin, «An Arundel Tomb»

Paula

É Agosto e há cheiro de foguetes no ar. Ouve-se o teste de som do conjunto que vai tocar no baile.

À mesa da cozinha, Paula pega numa mecha de cabelo da filha, Ana, passa o ferro de alisar, deixa pousar sobre os ombros o cabelo esticado e agarra outra mecha. Repete o gesto. Toma o seu tempo e é o único gesto que vejo a Paula fazer que não é impaciente.

Ana tem 12 anos, pôs maquilhagem nos olhos sob as sobrancelhas grossas castanhas claras, pintou as unhas com verniz de cor, e só o seu relógio Hello Kitty é coisa ainda de criança. Veste uma blusa igual à da mãe, com um decote largo e um debruado a metal nos ombros. A blusa dela é bege, a da mãe é azul. E, de braço dado, vão para o baile.

Mas não foi assim, confundo. Não foi na noite do baile que havia cheiro de foguetes no ar, mas no dia seguinte, no dia em que fizeram um grande almoço, vários tipos de carne assando a lenha desde as oito da manhã, as batatas temperadas com segurelha e tomilho fresco. No café

desactivado, as mesas pequenas arredadas, tinha sido posta uma grande mesa de plástico com uma toalha branca bordada. Dentro do café, à hora do calor e da luz mais encadeante, estava fresco e escuro e a família reunia-se: mãe, padrasto, a tia que veio do Porto, o irmão bombeiro, o irmão emigrante que veio da Bélgica. A Ana trazia travessas, tão atarefada quanto as mulheres adultas, de um lado ao outro da rua, entre a casa e o café; o filho mais pequeno, o Luís, quase não comia, por distração, os óculos fixos no ecrã da televisão, passando tempo longe, na América.

Este almoço, na minha memória, confunde-se ainda com o almoço dois meses depois, no dia em que fizeram a vindima das uvas da Paula: o marido dela, o Casimiro, tirando cerveja da arca, os homens e as mulheres que ajudaram na vindima continuando a beber como tinham feito toda a manhã de sol sem misericórdia, apesar, dizia o calendário, da chegada do Outono. Falaram sobre a longevidade das árvores. Falaram sobre as longas listas de medicamentos dos respectivos maridos e mulheres, que não viverão como as árvores. Nesse almoço, a Paula quase não comeu porque tinha estado recentemente no dentista — o culminar de um processo de arrancar dentes para que pudesse continuar a fazer quimioterapia — e as anestésias deixam-na enjoada. Nesse almoço, parecia ainda mais irritada do que em Agosto, quando o marido, os filhos, os irmãos estavam todos de férias, e ela, sem tempo sozinha, concentrava-se em estar, a cada minuto, viva.

Houve também o almoço de feijoada junto do rio, depois de um concurso de pesca, as contribuições pela comida e bebida para guardar para o Santo Cristo da Saúde para lhe fazer uma boa festa em Agosto. Era Junho e estava uma Primavera quente. A Paula usava um chapéu para o sol e explicava do rio e da vida na aldeia. Era quando se irritava com o filho mais novo, correndo perto da água, ou com o marido, por causa de gestos sem importância, que se percebia que aquela alegria exigia um enorme esforço.

Foi nesse dia que a Paula apresentou o marido e os dois filhos, a casa da aldeia, o café de família que agora só abre para amigos, e a aldeia. Peredo da Bemposta ficava no final de uma estrada muito comprida, a uns bons vinte minutos da estrada que liga Mogadouro e Miranda do Douro, e foi no regresso de Peredo que tive a impressão de que não se pode ir ao fim do mundo sem querer lá voltar. Queria voltar ao fim do mundo uma e outra vez, porque uma e outra vez queria recuperar o que no meu mundo (o centro?) parecia estar perdido: uma certa maneira de mostrar o amor.

Esse domingo passou depressa. Antes de voltar para Miranda do Douro, parámos em Algosinho, a aldeia ao lado de Peredo, onde nasceu o Casimiro, para ver uma igreja que é um palimpsesto de pedra, com uma Estrela de David por baixo da Cruz de Cristo.

Perto dali, ficam as campas de pedra, que dizem na aldeia serem do tempo dos mouros, esculpidas com a forma dos corpos: duas campas pegadas uma à outra,









AGRADECIMENTOS

No início do século XXI, numa sociedade envelhecida, com muita esperança de vida mas pouca qualidade na morte, num país em que as unidades de cuidados paliativos nos hospitais são claramente insuficientes e o apoio em casa — para que as pessoas possam escolher morrer no seu ambiente e com mais carinho — é praticamente inexistente, torna-se particularmente relevante o investimento que a Fundação Calouste Gulbenkian está a fazer na área dos cuidados paliativos, a vários níveis, da investigação e formação à prática. Foi do Prof. Jorge Soares, director do Serviço de Saúde e Desenvolvimento Humano, a ideia de abordar este tema a partir de outra perspectiva, diferente da dos profissionais de saúde, para que chegasse a mais pessoas. Obrigado pelo convite e pelo entusiasmo.

Em Miranda do Douro, Mogadouro e Vimioso, encontramos uma equipa incansável, disponível 24 horas para os doentes e os seus familiares. Pareceu-nos quase sobre-humana a energia e dedicação da Dra. Jacinta Fernandes,

coordenadora da Unidade Domiciliária de Cuidados Paliativos do Planalto Mirandês. Obrigado não só por nos ter ajudado a abrir as portas de casa de muitos doentes, mas também por nos ter aberto as portas da sua própria casa como se fôssemos família.

Obrigado aos enfermeiros Luís e Patrícia, às assistentes sociais Isabelle e Anabela, por nos terem deixado fazer parte das suas rotinas.

Obrigado a todos os pacientes e familiares que falaram connosco, especialmente: Sr. João, Sr.^a Maria, Dona Lurdes, Sara e Elisa.

Obrigado ainda à família da Paula. Guardamos com uma enorme admiração e muito carinho a memória da Paula.

Obrigado à Tinta-da-China pela atenção e paciência.

Obrigado ao José Agostinho Baptista pela cortesia de nos deixar repetir o título do seu belíssimo livro de poesia, editado pela Assírio & Alvim em 1998.

Ainda, obrigada da Susana Moreira Marques:

À Alexandra Lucas Coelho, porque sem ela talvez não chegasse a escrever. À Bárbara Gomes, porque no seu trabalho faz dos cuidados paliativos um tema não só fundamental mas apaixonante. À minha família, por me aturar continuamente. E ao László, por estar ao meu lado.

AGORA E NA HORA DA NOSSA MORTE
FOI COMPOSTO EM CARACTERES HOEFLER
TEXT E IMPRESSO PELA GUIDE, ARTES GRÁFICAS,
SOBRE PAPEL ARCOPRINT MILK DE 100
GRAMAS, NUMA TIRAGEM DE 1000 EXEMPLARES,
NO MÊS DE SETEMBRO DE 2012

